

Uma eleição para nossos tempos: tweeter, escândalos, traição, ameaças, reality TV

EVA PAULINO BUENO*

Resumo

Este ensaio fala das últimas eleições nos Estados Unidos, enfatizando as técnicas usadas pelos dois candidatos. Ele também discute as acusações de Trump contra os mexicanos americanos, sua promessa de construir um muro, de manter os muçulmanos fora do país, e sua atitude para com as mulheres. Este ensaio também relata como, depois das eleições, até mesmo aqueles republicanos que se haviam distanciado das referências vulgares de Trump contra as mulheres, agora estão tentando conseguir posições dentro do seu governo.

Palavras-chave: Reality TV; Hillary Clinton; Donald Trump; Putin; Paul Ryan; Mitt Romney; escândalos; hackers; eleição; violência; ameaças contra mulheres.

Abstract

This essay deals with the last American elections, emphasizing the techniques used by the candidates. It also discusses Trump's accusations against Mexican Americans, his promises to build a wall, to keep Muslims outside the country, and his attitude towards women. The essay also relates how, after the election, even those Republicans who once disavowed Trump's vulgar references to women, are now quick to jostle for position in his government.

Key words: Reality TV; Hillary Clinton; Donald Trump; Putin; Paul Ryan; Mitt Romney; scandals; hackers; election; violence; threats against women.



* **EVA PAULINO BUENO** é professora de Espanhol e Português na St. Mary's University, em San Antonio, Texas. É autora de vários livros e artigos sobre literatura brasileira, cultura popular, e estudos da mulher. Seu livro mais recente é uma enciclopédia, *Latin American Women Writers, An Encyclopedia* (Routledge).

Há muitos e muitos anos, numa galáxia distante... que nada! Está acontecendo aqui mesmo! A coisa é recente, e estamos no meio do embrulho neste momento. Mas como ouvi dizer que quando olhamos as coisas de longe temos mais perspectiva, estou tentando olhar a atual conjuntura política nos Estados Unidos desde dois anos atrás e culminando com o dia 8 de novembro como algo do passado. Ficaria bem se fosse algo que a gente pudesse estar vendo numa tela de cinema, daquele jeito que os filmes da série *Star Wars* começava.

Mas a realidade é que, embora provavelmente no futuro (se houver) filmes serão feitos sobre esta campanha política, no momento temos que encarar que durante pelo menos quatro anos os Estados Unidos estarão sob o comando de Donald J. Trump, também conhecido como Tramputin, uma combinação interessante, que junta a palavra “tramp” — vagabundo — com o nome do antigo chefe da KGB, e que é o atual (e provavelmente eterno) chefe da Rússia e países agregados (a maioria sem seu consentimento). Outra possibilidade seria “Putrump”, que oferece outras interessantes maneiras de interpretação, que ficam ao gosto do leitor, mas que sugere quem é que manda nesta relação.

Mas, como diz Don Quixote quando está aconselhando seu escudeiro Sancho Panza quando este é nomeado governador da (fictícia) ínsula de Baratária,

Cuando te sucediere juzgar algún pleito de algún tu enemigo, aparta las mientes de tu injuria y ponlas en la verdad del caso. No te ciegue la pasión propia en la causa ajena, que los yerros que en ella hicieres, las más veces, serán sin remedio; y si le tuvieren, será a costa de tu

crédito, y aun de tu hacienda (*Don Quijote*, 2a. parte, Capítulo XLII).

Quando você tiver que julgar um processo de algum inimigo seu, reflita sobre as partes da ofensa e coloque-as na verdade do caso. Não deixe que a sua paixão pessoal o cegue por causa da ofensa alheia, porque os erros que você cometer, na maioria das vezes não terão remédio, e se tiverem, será à custa de seu crédito e também de suas posses.

devemos ir por partes neste caso do Donald. As partes do caso são muitas, algumas que parecem não ter nada a ver com as demais, mas que, no fim, fazem sentido. O erro ou os erros são praticamente impossíveis de evitar, porque como temos visto aqui, a campanha de Trump se assemelha a um daqueles programas de televisão, reality TV, em que todos os dias alguma coisa nova aparece, uma sempre suplantando a anterior. Acho que é realmente impossível abranger todos os aspectos! Mas, na verdade, mesmo os que odiamos este tipo de televisão vazia de sentido e cheia de sensacionalismos baratos, fomos arrastados na enxurrada. Agora, urge que comecemos a pensar e analisar o que aconteceu e o que está acontecendo.

É possível que desta análise surja algum entendimento que será fundamental para que tal situação não volte a acontecer. Logicamente, como assinala Don Quixote ao seu amigo Sancho, é possível que este julgamento custe a quem o escreve. Sempre foi assim numa ditadura. Logicamente, não estou me deixando levar pela tentação do auto engrandecimento! Afinal, muito provavelmente o povo do Trump não sabe ler português! Nem espanhol, nem outra língua que não seja o absoluto inglês. Isto dito, vamos fazer o possível pra dizer o que eu penso. Aviso logo de

início que não votei neste candidato, e que sou independente, mas que minhas simpatias em geral (não sempre) tendem para o partido democrata.

Então convido você, leitor, a percorrer este trajeto comigo, e já de antemão peço desculpas por algum erro, alguma imprecisão. Não fiz pesquisa bibliográfica da eleição, e o que eu sei, e do que eu falo, vem de minhas observações das notícias de televisão, rádio, e dos jornais.

Sim, eu sei que milhares de pessoas já esmiuçaram a questão das eleições americanas de 2016, e a maioria deles com mais conhecimento que eu. Talvez você não encontre nada de novo na minha reflexão, mas talvez a minha ótica pessoal ajude você a formar sua própria opinião desta eleição que parece — pelo que se vê pelas manchetes em muitos países — uma hecatombe global.

Nesta reflexão, que não será de forma alguma definitiva, e muito menos abrangente de todos os aspectos relacionados, seleciono alguns momentos da campanha, da contagem dos votos, e da situação corrente depois de quase um mês depois da eleição.

Quem é mesmo D. J. Trump? Quem é Hillary Clinton? Quem são seus eleitores?

No dia 15 de junho de 2016 o magnata dos cassinos falidos, dos arranjos imobiliários que não permitiam que negros se mudassem para suas propriedades, o homem conhecido pelos escândalos rodeando sua vida pessoal, o mesmo homem que exigiu que o Presidente Obama — o primeiro presidente negro dos Estados Unidos — mostrasse o seu registro de nascimento (da mesma forma que se exigia dos negros no tempo da escravidão), anunciou que iria se candidatar à

presidência, com o slogan, “Vamos tornar a América grande outra vez.”

Depois do furor inicial, o Donald e mais de uma dúzia de candidatos (incluindo um doutor de fala mansa, um texano sinistro, um cubano brincalhão, uma mulher que quase faliu a H.P, um dos filhos de um ex-presidente e irmão de um presidente, o governador de Ohio, John Kasich, etc., etc.) se concentraram a fazer as viagens iniciais e as promessas iniciais de praxe. O Donald continuava com a história de fazer a América grande de novo (aqui, a palavra América se refere somente aos Estados Unidos, pra quem não sabe disto). Até aí, tudo bem. Até que o Donald jogou a primeira bomba, ou fez o primeiro insulto (de uma longa série), chamado os mexicanos de bandidos, drogados, violentadores. Até achou o pai de uma mulher que tinha sido assassinada por um mexicano pra testemunhar nos seus comícios. Ali mesmo ele prometeu que iria construir um muro para separar os Estados Unidos do México, e que deportaria todos os ilegais.

Naquele momento, todos pensamos: é isto, o homem tá acabado. Muitos republicanos deram um suspiro de alívio. Ufff. Quem ia querer um bufão como este liderando o partido e saindo de candidato? Um cara que já tinha sido democrata no passado, que tinha uma lista de coisas escandalosas na sua vida, que tinha dito ser a favor do aborto! O sujeito com certeza ia cair.

Mas o homem não caiu. Pelo contrário! Ficou ainda mais forte!

Em seguida, foi o comentário sobre o John McCain. Pra quem não sabe, McCain era piloto da força aérea norte americana, foi capturado no Vietnam, e se recusou a ser liberado antes dos seus companheiros. Sofreu tortura por anos,

e inclusive tem um problema com os braços por ficar dependurado muito tempo. Referindo-se a McCain, Trump disse que pra ele, herói é quem não é capturado. (Logicamente, este é o mesmo cara que nunca serviu o seu país em nenhuma categoria, muito menos como militar.)

Outra vez, todos acharam que o edifício trumpeano cairia como caíram seus cassinos em falência (isto se constitui num caso raro, porque como sabemos, cassino NUNCA perde, e, ademais, os outros cassinos de Atlantic City — onde os cassinos trumpeanos se localizavam — estavam prosperando). Mas o homem não caiu... o homem não caiu!

Nesta ocasião, eu vi uma entrevista na televisão em que, respondendo ao que aconteceria se Trump fosse o candidato republicano, o convidado (não me lembro mais quem era) disse, em termos não incertos, que tal ideia era um absurdo. “Perish the thought,” ele disse (Que pereça esta ideia! Esquece disto!).

Debates entre os candidatos republicanos mostraram que o homem não se continha e insultava todo mundo. Às vezes, os debates republicanos pareciam mais uma briga de crianças no parquinho do bairro. Ele xingou todos eles, de diferentes maneiras. Numa destas ocasiões, Jeb Bush disse “You are not going to insult your way into the White House!” — “Você não vai abrir seu caminho até a Casa Branca com insultos!”

Muitos escândalos e insultos depois¹, por acaso escutei uma entrevista no

¹ Um dos escândalos mais comentados envolveu a família de um soldado muçulmano que foi morto no Iraque. O pai e a mãe foram à convenção democrata, e o pai falou com muita emoção sobre a constituição, a necessidade de respeito por ela, e se prontificou a emprestar a Trump sua própria cópia. Trump imediatamente foi dar entrevistas em canais favoráveis a ele, e

rádio com o jornalista que tinha descoberto que Trump tinha praticamente roubado dinheiro dos pequenos negociantes que o serviram na construção de seus cassinos e em outros empreendimentos. O truque era simples: ele contratava alguém para fazer um trabalho por, digamos, 100 mil dólares, mas depois do trabalho feito, dizia que só pagava 70 mil. O que o pequeno negociante ia fazer? Processar o embrulhão milionário cheio de advogados? Não, o pequeno negociante ficava com os 70 mil e se calava. Falar pra quem? Rico, muito mais milionário, aqui como aí no Brasil como em qualquer lugar, fala alto, fala grosso. A revelação deste roubo, assim como a revelação de que o Donald não paga imposto de renda federal há mais de uma década, ou de que ele usou a *Trump Foundation* para pagar dívidas pessoais, para fazer de conta que estava fazendo caridade (com o dinheiro alheio), etc., nada disso parece que não causou efeito. As multidões continuavam a participar de seus comícios, a gritar que Hillary fosse enviada à cadeia, que os ilegais (pelo jeito, todos os imigrantes, inclusive aqueles mexicanos-americanos que estavam aqui quando o país se formou, e mesmo os nativos americanos: a ignorância do povo americano é um poço que esta eleição revelou não ter fundo). E diziam outras coisas menos publicáveis sobre africanos americanos, sobre gays, sobre qualquer um que fosse diferente da norma (entenda-se: branco).

Mas o grupo que o Donald parece ter tido enorme prazer em ofender é o das

comentou que a mãe do soldado não tinha tido permissão de falar porque as mulheres muçulmanas não podem falar. Houve uma reação imediata, inclusive de John McCain, que não tinha se importado quando Trump tinha colocado seu heroísmo em dúvida.

mulheres. Houve o caso inicial com a apresentadora de televisão, Megyn Kelly, que o confrontou com o fato de ele chamar mulheres de “porcas, animais nojentos” durante o primeiro debate da fase primária (em que os candidatos republicanos se gladiaram), ao episódio da ex-miss universo nos anos 1990 que o acusou de crueldade quando a fez fazer exercícios físicos em público por ter ganho peso, e depois seguido pela divulgação de um vídeo em que ele se gaba de agarrar as mulheres em suas partes privadas porque ele é uma estrela e as mulheres o deixam fazer o que quiser, até a revelação de muitas mulheres de que ele as atacou ou molestou sexualmente, e finalmente, das ameaças de levar à justiça as mulheres que o acusaram de tê-las atacado.²

E, apesar disto tudo, por incrível que possa parecer, MUITAS mulheres votaram por Trump. Por quê? Algumas, porque são republicanas e votam com o partido (assim como outras que votam pelos democratas, não importando quem seja o candidato), outras, votaram porque o conheciam do seu tempo de televisão quando era o “patrão” no programa “O aprendiz”³ (é possível que elas tenha sido atraídas pela sua aura de “macho alfa”), outras, porque são ressentidas devido ao fato de não terem emprego, e outras porque acreditam que os imigrantes são responsáveis pela falta de emprego, outras, porque estão no que a Hillary Clinton chamou de

“cesto de deploráveis”: são racistas, sexistas, ignorantes, etc. Talvez, em algum lugar, haja alguma mulher que votou porque o marido votou no Trump, e ela o seguiu. Pode ser que haja alguma que realmente acredite que ele seja a melhor opção para o país. Mas, para mim, o mais incrível e ofensivo foi o que vi nas imagens, quando no final da campanha um grupo de mulheres apareceu num comício do Trump com uma camiseta que dizia mais ou menos isso: “Hillary não soube satisfazer seu marido, e não me satisfaz também.”

Alguém falou em baixaria aí?

Para que se esclareça: embora a Hillary Clinton tenha sido a primeira mulher a chegar a ser candidata a presidente da república, ele nunca usou o que aqui se chama “woman card” — “cartão mulher”, que seria mais ou menos isto, “eu sou mulher, você é mulher, portanto, você deve votar por mim.” Mas mesmo assim, me parece inteiramente inaceitável que outras mulheres a tenham acusado de coisas indizíveis porque ela permaneceu com o marido quando ele a traiu (história do final do século XX).

Alguém aí falou em atirar a primeira pedra?

Truques eleitorais e truques constitucionais

Temos que reconhecer que Hillary Clinton teve um truque na sua campanha: no primeiro debate, no final da discussão, ela trouxe à tona a questão da ex-miss universo humilhada pelo então gerente do concurso (nos anos 1990). Trump, por sua vez, primeiro ameaçou, e depois trouxe para o segundo debate as mulheres que acusaram o Bill Clinton no passado. As quatro mulheres foram colocadas em um lugar proeminente, mas não no mesmo lugar que a família, que era o

² Não é de se estranhar que Megyn Kelly, a apresentadora da Fox News (que aliás é da direita) agora diz que ela foi ameaçada de morte depois do debate em que confrontou Trump com suas próprias palavras. A companhia teve que contratar guarda-costas para proteger a apresentadora.

³ O programa foi ao ar com o Donald como apresentador de 2004 a 2010, e continua com outros apresentadores.

que Trump queria. Para ele, a presença destas acusadoras (de vários naipes), deveria deixar Hillary sem jeito. Não funcionou. Não é assim tão fácil tirar a postura de Hillary Clinton. Ela não resolveu entrar na política ontem, e ela já passou por muitas batalhas.

Outro truque atribuído à equipe de Clinton foi que, no final da campanha, houve notícias que as pessoas do partido democrata que tinham ido aos comícios do Trump tinham sido “enviadas” pelo partido. O Trump e sua equipe regozijaram, “Não dissemos?” Sim, disseram. E também ele disse aos seus partidários que batessem nos que não estavam de acordo. Um deles fez exatamente isto, e Trump disse que seus advogados o defenderiam. Não se sabe se defenderam ou não.

Outro truque interessante foi quando o Trump convidou os hackers da Rússia a acharem os 33.000 emails de Hillary Clinton que supostamente haviam sido destruídos. Pelo que agora sabemos, este convite não era necessário, porque os hackers já estavam trabalhando nisto há tempo, com total supervisão “de cima”, do chefe.⁴

Mas o melhor truque de Trump foi o de começar a dizer que a campanha ia ser roubada, que não se podia confiar nos resultados. Ele dizia isto quando achava que ia perder, e incitava a sua base (possuidora de armas de fogo) a “supervisionar” a votação. A gritaria do lado republicano foi tal que os democratas (que então tinham uma

grande margem nas pesquisas) diziam que a eleição não seria roubada.

Por ironia, hoje, menos de um mês depois dos resultados terem sido divulgados, a contagem em três estados (Pensilvânia, Michigan e Wisconsin) estão sendo contestados, mas a sugestão para que se fizesse isto não veio de Hillary Clinton, mas da candidata do Partido Verde, Jill Stein. Agora a campanha de Clinton está entrando também no pedido da recontagem. E no dia 27 de novembro Trump usou sua arma preferida — Tweeter — para dizer que de fato houve problema na contagem, porque ele, e não Clinton, ganhou a eleição popular.

Como? Clinton ganhou a eleição popular e não a eleição? Que significa isto? É simples: cada estado americano tem direito a um certo número de votos no colégio eleitoral. Isto é parte da Constituição americana, e a ideia era dar oportunidade mesmo aos estados com menos população (que quando a primeira constituição foi criada significava somente gente branca, livre, masculina, de posses) para que todos os estados tivessem representação. É muito comum que depois da eleição para presidente, se há uma discrepância entre a maioria dos votantes e o número de votos no colégio eleitoral, surge uma tentativa de terminar com o colégio eleitoral. Nestas últimas eleições, Clinton teve mais de dois milhões de votos a mais que Trump. Já sabemos o que aconteceu.

O homem teflon e a derrocada da classe política

As ironias desta campanha se acumulam dia a dia. Uma delas é que os herdeiros da elite política foram todos derrotados. Começando com Jeb Bush, que foi um bom governador na Flórida, a John Kasich, que é o atual — e querido, bem-

⁴ Este convite aos hackers, amplamente documentado porque foi feito durante um comício, levantou a questão do que se constitui em traição – *treason* – ao país. Algumas pessoas se lembraram de recitar a definição de traição, mas como cada dia trazia mais e mais escândalos, o convite a um poder estrangeiro e hostil a intervir na vida política do país foi varrido para debaixo do tapete, onde tomou seu lugar com outras sandices.

sucedido governador de Ohio – aos outros candidatos que já tinham um nome como senadores ou deputados, todos foram rejeitados pelos eleitores. Logicamente, se houvesse menos candidatos, talvez o Trump tivesse sido derrotado, porque juntando-se todos os demais votos CONTRA ele, seria possível derrotá-lo. Mas os candidatos eram muitos. Esta eleição de Trump foi o que se chama em inglês “a perfect storm” — “uma tempestade perfeita.”

Outra ironia que é engraçada, e que só nestes pós eleição podemos saber: cada dia Trump renega uma das promessas que fez durante a campanha. Quando ele fazia suas propostas incrivelmente racistas, intolerantes, que levantavam vivas dos seus eleitores e expressões de horror dos republicanos estabelecidos, ele se colocava como CONTRA os políticos estabelecidos. Uma vez eleito, ele já não fala de deportar todos os ilegais, mas só os que têm ficha criminal. Já não fala de colocar Hillary Clinton na prisão (algo que levava a sua plateia ao delírio), já não fala de destruir completamente o sistema de saúde estabelecido por Obama (conhecido como Obamacare), já não fala de completamente rejeitar o acordo feito com o Iran.

Também é interessante observar o que ele está falando, e com quem está falando. Por exemplo, apesar de tê-lo chamado de nomes feios, neste momento Trump está falando com Mitt Romney, antigo governador de Massachusetts de 2003 a 2007, e uma vez candidato à presidência (2012) sobre a possibilidade dele ser Secretário de Estado (a mesma posição que Hillary Clinton ocupou no primeiro governo Obama). Romney foi muito claro na sua desaprovação ao Trump, e fez campanha aberta contra ele. Por outro lado, é bom observar o fato de que

Romney *considerar* tal proposta é algo que prova que estes políticos não têm a menor vergonha, e fazem tudo para conseguir posicionar-se dentro do círculo do poder.⁵ Que diferença faz engolir um pouquinho mais da sua dignidade e seus princípios?

Ramificações

Nesta situação de extrema incerteza, algumas realidades começam a tomar corpo. Uma delas, é que alguns jornalistas que antes atacavam Trump abertamente (como Fareed Zakaria, da CNN), já começam a “amaciar” o tom. Seria por medo de represálias? Trump já deixou bem claro que jornalistas hostis a ele não terão vez nem permissão de fazerem parte do grupo de jornalistas que cobrem a presidência.

Outra certeza é que realmente a Rússia, sob o controle de Putin, interferiu na eleição. Mesmo que os asseclas de Putin não tenham atacado os sistemas eleitorais (isto ainda está sendo verificado), causaram confusão e transtorno com a revelação de vários e-mails de Clinton que, no fim das contas, não tinham nada a ver com material classificado. Outra certeza, que era o que Putin (KGB) provavelmente mais queria, era demonstrar aos americanos que sua democracia não é tão protegida e/ou perfeita assim.

Mas a última certeza, que eu tenho (não sei se outros têm), é que quem mais ganha com toda esta confusão, esta situação incendiária dentro dos Estados Unidos é a China. Enquanto os

⁵ Muitos outros estão neste time dos sem vergonha, vira casacas, mas nenhum é mais visível que o líder da situação na câmara dos deputados, Paul Ryan. Quando o vídeo de Trump falando do que faz com as mulheres veio a público, Ryan deu entrevistas dizendo que não iria mais defender Trump, e começou a fazer comícios somente em apoio dos candidatos a deputado e a senador.

americanos se voltam completamente para contemplar o que a Rússia faz, ou teria feito, ou queria fazer, e se embrulham completamente nesta sopa de mentiras, perfídias, etc., a China quietamente continua seu trabalho de desenvolvimento comercial em vários lugares, inclusive na América Latina.

Isto me faz lembrar um ditado chinês, atribuído a Wei Zheng, que foi primeiro ministro no reino do imperador Taizhong (598-649), da Dinastia Tang: "A água pode levar o barco ou virá-lo/emborcá-lo."⁶ Isto quer dizer, o povo tanto pode apoiar o imperador/presidente como removê-lo do poder.

O mundo mudou bastante desde o tempo de Wei Zheng. Mas talvez devamos nos lembrar deste ditado sempre que parece que as coisas não têm mais conserto, e que nada vai mudar. O povo ainda pode virar o barco. Aqui nos Estados Unidos, não está claro se isto ainda é possível, especialmente porque a entidade "povo" é muito facilmente manipulável, como vimos nestas últimas eleições, e que, realmente, o ranço escravista, a falta de consciência, a cupidez, a ignorância e o ressentimento estão bem e progredindo. É horrível de se contemplar, mas o espetáculo é irresistível! O povo vai ficar hipnotizado por este melodrama

diário, e esquecer de outras coisas mais sérias e mais urgentes.

Agora, só nos resta irmos morar numa ilha distante (Barataria não seria uma má opção, se Sancho Panza fosse o governador e Don Quixote seu conselheiro), ou então apertarmos o cinto para esta viagem imprevisível, perigosa, degradante, que temos pela frente. Uma outra opção seria considerarmos tudo isto como reality TV, e de vez em quando desligar a televisão, fazer meditação, mexer nas plantas do nosso jardim. Mas esta última opção é impossível. Infelizmente, as coisas ruins que este governo Trump fizer vão afetar o mundo inteiro. Não porque estejamos prestando atenção aos Estados Unidos, mas porque a situação geopolítica do momento indica que, sim, quando se tosse aqui em Washington, o mundo inteiro pega uma gripe, se não uma pneumonia.

Referência

Cervantes, Miguel de. *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Disponível em <http://www.spanisharts.com/books/quijote/2capitulo42.htm> Consultado em 24 de novembro de 2016.

⁶ Encontrei esta citação em um texto sobre o barco de pedra que está localizado no Palácio de Verão nos arredores de Beijing. O barco foi inicialmente construído de madeira, mas depois de um incêndio em 1860, a Imperatriz Dowager Cixi ordenou que o reconstruíssem com mármore. Mais tarde, ela usou a existência deste barco para esconder dinheiro. A corrupção, como vemos, nem é coisa nova, e nem foi inventada por nós. Ver mais sobre o barco de pedra em: <https://www.travelchinaguide.com/attraction/beijing/summer/boat.htm>